

# *Transitividade em Reportagens Sobre o Voo AF 447*

TRANSITIVITY IN JOURNALISTIC TEXTS ABOUT THE FLIGHT AF 447

Michelle de Abreu **AIO** \*

**Resumo:** Ao considerarmos a linguagem como sistema modelador, admitimos seu caráter de construtora de significados do mundo que nos cerca, e a ela atribuímos o papel de instrumento com o qual representamos o mundo. Sendo a linguagem a principal ferramenta na atividade jornalística, pretendemos analisar, por meio do Sistema da Transitividade, dentro da Linguística Sistemico-Funcional, reportagens acerca da queda do Airbus 330 da companhia Air France, ocorrida em 1º de junho de 2009. Os textos provêm de revistas brasileiras (Veja, IstoÉ) e portuguesas (Visão, Sábado), e servirão para analisarmos as diferenças de enfoque sobre um mesmo fato.

**Palavras-chave:** Língua; Transitividade; Jornalismo.

**Abstract:** By considering language as a modeling system, we admit it builds meanings about the world around us. We attribute to language the role of instrument with which we represent the world. As language is the main tool in the journalistic activity, we intend to analyze articles, through the Transitivity System, inside the systemic functional linguistics, about the fall of the Airbus 330 from Air France, on June 1<sup>st</sup>, 2009. The texts come from Brazilian (Veja, IstoÉ) and Portuguese (Visão, Sábado) magazines and they will serve to analyze the focus differences on one event.

**Key-words:** Language; Transitivity; Journalism.

---

\* Graduada em Letras Tradutor Intérprete pela Unilago. Mestranda em Estudos da Tradução pela UFSC. Contato: michelleaio@yahoo.com.br.

## Introdução

Comunicar é um processo que envolve, além das escolhas sintáticas lexicais, o *fazer significar* na interação entre os participantes na comunicação. Para isso, fazemos uso da linguagem – refletora, esta, das representações que fazemos acerca do mundo. Consideramos a linguagem como sistema modelador da realidade, que faz com que possamos significar o mundo fora e dentro de nós. Em razão das inúmeras representações individuais que fazemos do mundo, um único texto pode fazer emergir outras tantas representações distintas. Portanto, a linguagem “é compartilhada no ‘espaço’ cultural no qual acontece a produção de significado através da linguagem – ou seja, a representação” (HALL, 1997, p. 10).<sup>1</sup>

O conceito de linguagem modeladora da realidade torna-se particularmente interessante na esfera midiática. No universo jornalístico, por exemplo, as várias representações que se fazem diante de um mesmo fato também se relacionam com a atividade tradutória. Os diversos textos jornalísticos que giram em torno de um mesmo assunto são as diferentes representações sobre um mesmo fato, e é por isso que, de acordo com o modo com que o jornalista representa um acontecimento, preferimos esta ou aquela reportagem.

Para analisarmos como se dão estas representações escolhemos, no panorama da Linguística Sistêmico-Funcional, o sistema da Transitividade por ser este o recurso de análise que melhor exprime o modelar da realidade. A Transitividade atua como uma ferramenta na construção (e significação) da nossa experiência em termos de configurações – de um processo, de seus participantes e circunstâncias.

Neste trabalho, analisaremos a Transitividade em trechos de reportagens escritas por jornalistas brasileiros e portugueses a respeito da queda do Airbus 330 da companhia Air France, ocorrida no dia 1º de junho de 2009. Para isso, utilizaremos os textos das revistas semanais *Veja* e *IstoÉ*, publicadas no Brasil, *Visão* e *Sábado*, publicadas em Portugal. Não pretendemos nos aprofundar na análise da Transitividade em toda a reportagem, embora tal estudo possa ser feito futuramente.

---

<sup>1</sup> [...] is the shared cultural ‘space’ in which the production of meaning through language – that is, representation – takes place.

Selecionamos, portanto, dentre as quatro revistas, alguns trechos que possuíam características semelhantes, tais como assunto e extensão. Desse modo, pretendemos observar como o fato jornalístico é representado, e de que forma isto é feito, por jornalistas brasileiros e portugueses.

## 1 O texto de revista

Ao nos comunicarmos, fazemos uso da linguagem para significar, verbo que, de acordo com o Dicionário Houaiss (2001), denota “Dar a entender, mostrar.”. Quando significamos, portanto, nosso discurso passa a fazer sentido para nosso interlocutor. A comunicação efetiva, segundo Schaff (apud ORLANDI, 1987, p. 103), “é antes de tudo compreensão.”

Como neste trabalho nosso objetivo é analisar o texto jornalístico, passamos a considerá-lo como um agente na comunicação realizada entre o fato noticioso e o público leitor. O grande papel da reportagem jornalística é, acima de tudo, comunicar. E dentre os diversos tipos de mídia existentes, destacamos, neste artigo, o texto de revista semanal, que “[...] preenche os vazios informativos deixados pelas coberturas dos jornais, rádio e televisão.” (VILAS BOAS, 1996, p. 9). Nessas reportagens encontramos fatos, informações, detalhes muitas vezes não mencionados no telejornalismo diário, “[...] também veloz e dinâmico, [contudo] sem tempo para extrapolações de ordem analítica.” (VILAS BOAS, 1996, p. 15).

O texto de revista caracteriza-se, primordialmente, pela variedade de assuntos, por sua personalidade editorial, sua linguagem própria e seu público-alvo (HIRAO, 2009). Por ora, é a linguagem utilizada no jornalismo de revista que nos interessa de modo particular, visto ser esta, entre outros recursos, que configura o enfoque dado por cada revista sobre determinado fato. Segundo Vilas Boas (1996, p. 39),

[...] esta linguagem é definida pelo tipo de leitor que se quer atingir. A linguagem das revistas semanais de informação geral, muitas vezes, é definida pelo modo de ‘angular’ a matéria, de redigir o texto e pelo *ponto de vista* predeterminado. (grifos do autor).

Muitas vezes, este “ponto de vista” fica implícito na reportagem, e só conseguimos identificá-lo mediante análise minuciosa do texto. Os textos jornalísticos possuem, além do caráter (in)formador, uma gama de elementos que abarcam desde a postura do veículo que os publica até o viés posicional do próprio jornalista. Nas palavras de Polchlopeck (2005, p. 31), “[...] o jornalismo também adquire a função de (inter)ação comunicativa na medida em que [sic] instâncias condicionantes internas e externas [...] interferem na sua prática.” Ao observarmos as escolhas percebidas no texto – o que está e o que não está escrito – podemos identificar o viés que se pretendeu alcançar, e o resultado é um texto que traz em seu bojo tanto suas próprias convicções quanto as da revista à qual está vinculado.

## 2 Representação e Transitividade

Dentre tantos elementos essenciais ao jornalismo, podemos destacar a linguagem como substancial nessa atividade, sendo ela a matéria-prima por meio da qual o jornalismo acontece. Afinal, a linguagem é o meio usado para construir significados para o mundo que nos rodeia, tornando-se um sistema modelador, “[...] permitindo aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade, fazer significar o que está fora e dentro deles.” (HALLIDAY, 1994, p. 106 apud VASCONCELLOS, 1998, p. 215). Como afirma Hall (1997, p. 1),

A linguagem é capaz de fazer isto [construir significados] porque opera como *sistema representacional*. Na linguagem, usamos signos e símbolos – sejam eles sons, palavras escritas, imagens produzidas eletronicamente, notas musicais ou objetos – para significar ou representar para outras pessoas nossos conceitos, idéias e sentimentos.<sup>2</sup> (grifos do autor)

---

<sup>2</sup> Language is able to do this because it operates as a *representational system*. In language, we use signs and symbols - whether they are sounds, written words, electronically produced images, musical notes, even objects - to stand for or represent to other people our concepts, ideas and feelings.

Embora o conceito de representação seja objeto de diversas (e distintas) definições, aqui ele assume o papel de significação, já que

[...] damos significados às coisas pela maneira como as *representamos* – as palavras sobre as quais usamos, as histórias sobre as quais contamos, as imagens das quais produzimos, as emoções com as quais associamos, a maneira com as quais classificamos, os valores às quais atribuímos.<sup>3</sup> (HALL, 1997, p. 3)

Se em cada jogo comunicativo necessariamente representamos o que está ao nosso redor, o fazer jornalístico consiste em representar o representado. Por se tratar de uma atividade na qual perpassam desde a ideologia do veículo jornalístico até as opiniões e convicções próprias do jornalista encarregado de confeccionar o texto, a reportagem carregará em si as representações de cada elemento que se insere na indústria midiática. Como afirma Costa (2009, p. 166),

[...] o jornalismo nunca deixará de ser parte de um negócio inserido de forma inequívoca na indústria da cultura, e por isso quem o exerce, o abriga ou o explora estará de olho na audiência, seja de massa, seja segmentada, para não falar nas receitas e na rentabilidade. Jornalismo é o ofício de representar representações.

Ao atribuímos um caráter volúvel às representações, não podemos deixar de considerar a ineficácia do conceito de imparcialidade nos textos da mídia. Cada ser humano representa o mundo de modo particular e, por esta razão, não podemos exigir da mídia que nos forneça, pela representação dos fatos que nos apresenta, um único resultado (representação) capaz de abarcar os inúmeros representados, cada um com suas próprias representações. Conclui-se, portanto, que cada veículo responsável pelo fazer jornalístico nos

---

<sup>3</sup> [...] we give things meaning by how we *represent* them – the words we use about them, the stories we tell about them, the images of them we produce, the emotions we associate with them, the way we classify and conceptualize them, the values we place on them.

apresentará sempre um recorte dos acontecimentos no mundo – uma dentre as inúmeras representações possíveis que podem resultar de um único fato.

A realização de todas essas significações – representações – pode ser analisada à luz da Transitividade. Para Halliday (HALLIDAY; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004 apud LIMA-LOPES; VENTURA, 2008, p. 1), “[...] nesse sistema o falante constrói um mundo de representações, baseado na escolha de um número tangível de tipos de processos [...]”. São estes processos que mostrarão, mediante análise linguística, quais os tipos de enfoque dado por cada jornalista ao seu texto. Um dos principais elementos para o estudo do Sistema da Transitividade “[...] é a questão da escolha: ao realizar um significado através de um item lexical [...] o falante está realizando uma escolha dentre outras prováveis [...]”. (HALLIDAY, 1992a, apud LIMA-LOPES; VENTURA, 2008, p. 2). Por isso, a escolha do jornalista sobre o que colocar ou não em uma reportagem a torna inevitavelmente subjetiva, já que o jornalista faz escolhas, “[...] enviesando e distorcendo a realidade que o repórter reivindica objetivar no relatório.” (MERRILL apud COSTA, 2009, p. 160).

### **3 A Transitividade nas reportagens**

Para que obtivéssemos uma análise precisa da Transitividade em textos jornalísticos, optamos por reportagens veiculadas nas revistas *Veja*, *IstoÉ*, *Visão* e *Sábado* a respeito de um único fato noticioso: a queda do Airbus A330 da companhia aérea Air France, ocorrida na madrugada do dia 1º de junho de 2009. Tendo em vista que os textos analisados foram escritos em língua portuguesa (embora em diferentes variedades), analisaremos como cada revista, dentro de cada cultura, representa esse fato. Como não pretendemos analisar a Transitividade em todo o texto da reportagem, selecionamos quatro orações retiradas do texto de cada revista, e para isso adotamos alguns critérios, como: i) assuntos semelhantes; ii) extensões semelhantes (tendo em vista que na reportagem de revista é comum encontrarmos longas sentenças, optamos por orações mais curtas).

Nos trechos seguintes identificamos cinco tipos de processos, sendo eles: material (ligados à ação), relacional (com atributos e relações de posse), existencial (relacionado a algo que existe), verbal (relacionado

ao dizer) e mental (do sentir). Outros tipos de processos existentes não serão apresentados neste trabalho, já que nos pautamos no texto jornalístico e seguimos em direção à análise dos processos da Transitividade. Optamos por retirar outros elementos da oração para melhor visualizarmos os processos.

O processo observado nos trechos a seguir é material, ou seja, o processo do fazer, relacionado ao mundo físico (HALLIDAY, 1994, apud LIMA-LOPES; VENTURA, 2008). De modo geral, o processo material é concreto, pois trata de “[...] mudanças no mundo material que podem ser percebidas [...]”<sup>4</sup> (MARTIN et al., 1997, p. 103), mas também abrange os fenômenos abstratos. Os participantes que podem aparecer neste processo são Ator (Actor), Escopo (Range) e Meta (Target) (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008):

Revista	Ator	Processo Material	Meta/Escopo
Veja	Vidas despedaçadas em frações de segundo, entre elas crianças e recém-casados,	causam	dor no coração.
IstoÉ	[...] o Airbus 330	caiu	em pleno percurso [...]
IstoÉ	[...] A tragédia [...]	encheu de tristeza	dois cartões-postais internacionais [...]
IstoÉ	[...] a queda do voo 447	pode entrar	para a história [...]
Visão	Comandante da transportadora aérea portuguesa	desviou-se	da zona onde caiu o voo 447 da Air France.
Visão	O Airbus 330 da companhia aérea portuguesa	decolou	da mesma pista utilizada pelo A330.
Visão	O objectivo principal	é recuperar	as caixas negras do avião.
Sábado	A sigla AF 447	entrou	para uma das listas negras da História da aviação.
Sábado	[...] o Airbus A330 da Air France	se despenhou	no meio do Atlântico.

A seguir, apresentamos dois trechos em que encontramos processos relacionais, nos quais as coisas existem em relação a outras. São relações estabelecidas entre dois conceitos e, “[...] embora haja sempre dois conceitos – cada um de um lado da relação – existe apenas um participante no mundo real [...]”<sup>5</sup> (THOMPSON, 2004, p.

<sup>4</sup> [...] changes in the material world that can be perceived [...].

<sup>5</sup> [...] although there are always two concepts – one on each side of the relationship – there is only one participant in the real world [...].

96). Dentre os processos relacionais temos duas subdivisões: atributivo e identificativo. Os participantes do processo relacional atributivo são portador (Carrier) e atributo (Attribute). Já no processo identificativo, temos os participantes: identificador (Identifier), identificado (Identified), valor (Value) e característica (Tolken) (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008). Abaixo, apresentamos apenas os elementos relevantes para as análises:

Revista	Portador/Valor	Processo relacional	Atributo/Característica
Veja	[...] a sequência de mensagens	dá	boas pistas das possibilidades.
Veja	[...] o acidente com o A330	poderá ser	mais um dos raros a ficar sem explicação.
IstoÉ	[...] a missão da BEA	fica	mais difícil.

No processo existencial temos uma representação de algo que existe e seu único participante é o existente (Existent) (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008). Segundo Thompson (2004, p. 104), o processo existencial “[...] expressa a mera existência de uma entidade sem mais nada atribuir a ela.”<sup>6</sup> De certo modo, a função do processo existencial é evitar a necessidade de um segundo participante na oração. Podemos observar no seguinte trecho da revista *Veja*:

Participante na oração	Processo existencial	Circunstância
Veja	[...] tenha havido,	como na maioria dos desastres aéreos

Na estrutura acima, podemos observar outro elemento – circunstância – classificado como tal neste processo.

Os processos verbais, com uma ocorrência dentro do *corpus*, são aqueles relacionados ao dizer e possuem os seguintes participantes: o dizente (Sayer), que realiza a ação; o receptor (Receiver), que a recebe; o alvo (Target), entidade atingida pelo processo; e a verbiagem (Verbiage), a mensagem propriamente dita (LIMA-LOPES;

<sup>6</sup> [...] expresses the mere existence of an entity without predicating anything else of it.



VENTURA, 2008). São processos “[...] intermediários entre processos mentais e materiais [...]” <sup>7</sup> (THOMPSON, 2004, p. 100), como podemos observar na seguinte oração:

Revista	Dizente	Processo verbal	Verbiage
Sábado	A aviação brasileira	revelou	ter detectado no mar o que poderia ser uma grande mancha de combustível a boiar, uma bóia cor-de-laranja, um tambor e uma cadeira.

Nos processos mentais temos aqueles do sentir “[...] e são relativos à representação do nosso mundo interior.” (THOMPSON, 1994, p. 82 apud LIMA-LOPES; VENTURA, 2008, p. 5). Segundo Martin et al. (1997, p. 105), “As orações mentais constroem uma pessoa envolvida no processo consciente, incluindo de percepção, cognição e afeição.” <sup>8</sup> Nesse tipo de processo, os participantes são o experienciador (Senser) e o fenômeno (Phenomenon) (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008). Encontramos o seguinte trecho em que esse processo aparece:

Revista	Experienciador	Processo mental	Fenômeno
Visão	[...] alguns tripulantes	só souberam	da tragédia ao acordarem de um sono reparador.

Separando os processos de cada revista, obtemos o seguinte quadro:

Revistas	Processos				
	Material	Relacional	Existencial	Verbal	Mental
Veja	1	2	1	0	0
IstoÉ	3	1	0	0	0
Visão	3	0	0	0	1
Sábado	3	0	0	1	0
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

<sup>7</sup> [...] intermediate between mental and material processes [...].

<sup>8</sup> Mental clauses construe a person involved in conscious processing, including processes of perception, cognition and affection.

Podemos observar que os processos mais usados pelas reportagens são materiais, revelando o enfoque prioritário na ação. Tal escolha pode ter ocorrido tendo em vista o próprio acontecimento: a queda de uma grande aeronave envolvendo o desaparecimento de 228 pessoas de diversas nacionalidades. Por tratar-se de um fenômeno físico (a queda de um avião), provavelmente os processos materiais sejam mais adequados na confecção de uma reportagem. Os processos relacionais, com enfoque na relação entre dois conceitos ou entidades, aparecem apenas nas reportagens brasileiras. O mesmo acontece com o processo existencial, que isenta o participante de se envolver com qualquer acontecimento. Os dois outros processos, verbal e mental, que aparecem nas revistas portuguesas, configuram uma representação mais analítica sobre o fato, distanciando-se de qualquer envolvimento real com o fato noticiado.

### **Considerações finais**

O que pretendemos nesse trabalho foi observar, por meio do Sistema da Transitividade, o modo pelo qual um mesmo fato, a queda do voo AF 447 da companhia aérea Air France, foi representado por jornalistas brasileiros e portugueses. Desse modo, podemos identificar qual o enfoque dado ao fato por meio das escolhas linguísticas de cada repórter, enfoque este percebido, mediante análise, pelos processos da Transitividade.

Ao analisarmos as reportagens à luz do Sistema da Transitividade, podemos notar o grau de envolvimento ou afastamento de cada texto com relação ao fato. Talvez seja possível, por meio de uma análise mais detalhada dos processos do texto, a ser feita posteriormente, identificar o posicionamento de cada veículo diante da tragédia que envolveu muitos brasileiros e nenhum cidadão português. Este único dado já molda, inevitavelmente, a confecção do texto e sua configuração final. O grau de afastamento ou proximidade com o fato a ser noticiado já constitui, por si só, elemento fundamental na filtragem realizada entre o fato em si e a escrita do texto. Afinal, as escolhas do jornalista, moldadas pelos elementos externos que também constituem o jornalismo, como a própria ideologia do veículo para o qual trabalha, refletirão o modo como o fato foi representado naquela reportagem.

Temos, portanto, a linguagem como instrumento de duas instâncias: na comunicação primordial, como sistema modelador da realidade, e no fazer jornalístico, como sua ferramenta essencial. Desse modo, podemos admitir que o jornalismo possui caráter (in)formador na medida em que faz uso da linguagem para representar os fatos frente ao público leitor, e por meio de suas representações constrói a opinião do leitor sobre a notícia, ou seja, forma a maneira como o leitor, por sua vez, irá representar o fato. Constitui-se, portanto, um jogo de representações no qual dificilmente haverá imparcialidade ou se atingirá o âmago do fato numa isenção de filtrações.

O conceito de representação reflete alguns dos traços intrínsecos do fazer jornalístico. Na análise de reportagens sobre um mesmo fato, publicadas em diferentes países, com diversas culturas e que se relacionam diferentemente com o fato em si, podemos perceber os diferentes resultados dos olhares lançados sobre o acontecimento. Isso mostra como se dão as diferentes representações que os veículos fazem acerca de um mesmo acontecimento, o que nos permite escolher aquele que mais se aproxima de nossa própria representação, ou que formará o modo com iremos representar aquela notícia.

## Referências

COSTA, Caio Túlio. *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

HALL, Stuart. *Representation*. London: Sage Publications, 1997.

HALLIDAY, Michael A. K.; MCINTOSH, Angus; STREVEENS, Peter. *As ciências da linguagem e o ensino de línguas*. Trad. Myriam Freire Morau. Petrópolis: Vozes, 1974.

HIRAO, Roberto. *70 lições de jornalismo*. São Paulo: Publifolha, 2009.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-Rom.

ISTOÉ, São Paulo, Três Editorial, n. 2065, jun. 2009.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; VENTURA, Carolina Siqueira Muniz. *A Transitividade em português*. São Paulo: LAEL; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M.; PAINTER, C. *Working with functional grammar*. London: Arnold, 1997.

POLCHLOPECK, Silvana Ayub. *A interface tradução-jornalismo: um estudo de condicionantes culturais e verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas Veja e Time*. 2005. 215f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SÁBADO, Lisboa, Confina Media, n. 266, jun. 2009.

SCHAFF, A. Introducción à la Sociolingüística. Madrid: Gredos, 1966. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

THOMPSON, Geoff. *Introducing functional grammar*. 2. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Araby and meaning production in the source and translated texts: a systemic functional view of translation quality assessment. *Cadernos de Tradução*, Santa Catarina, v. 1, n. 3, p. 215-254, 1998.

VEJA, São Paulo, Abril, ed. 2116, n. 23, p. 15-21, jun. 2009.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

VISÃO, Lisboa, Impresa Publishing, n. 848, jun. 2009.